

## PRÁTICAS DE LAZER NA ILPI: A VISÃO DOS COORDENADORES<sup>1</sup>

**Recebido em:** 28/01/2014

**Aceito em:** 14/07/2014

*Giselle Alves de Moura*  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte,  
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Luciana Karine de Souza*  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** O presente estudo investigou a percepção dos coordenadores das ILPIs filantrópicas conveniadas com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte sobre a oferta de práticas de lazer aos residentes. Foram realizadas 15 entrevistas individuais semi-estruturadas. Os resultados mostraram uma variedade de práticas de lazer nas instituições: práticas sociais, corporais, religiosas e manuais foram as mais citadas. Diferenças calcadas na gestão da residência determinam parcerias e convênios. Os coordenadores reconhecem a necessidade do lazer nas ILPIs, mas encontram dificuldades, como escassez de recursos humanos e financeiros, baixa adesão dos idosos às práticas, muitos residentes enfermos, e baixa confiabilidade no voluntariado.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de Lazer. Instituição de Longa Permanência para Idosos. Idoso.

### LEISURE PRACTICES IN RESIDENTIAL HOMES FOR THE ELDERLY: THE DIRECTOR'S VIEW

**ABSTRACT:** This study investigated the perception of directors of philanthropic collective residential homes for the elderly, officially linked to the city hall of Belo Horizonte, Brazil, about leisure practices for the residents. Fifteen individual semi-structured interviews were conducted. Results showed a variety of leisure practices in the 15 homes: social practices, physical practices, religious practices and handcrafting were the most mentioned. Differences in management influence partnerships and agreements. The directors recognize the need for leisure in the homes, but find difficulties like lack of human and financial resources, low adherence of the residents to the leisure practices offered, a large number of ill residents, and low reliability in

<sup>1</sup> Este texto corresponde à segunda etapa da pesquisa de mestrado da primeira autora sob orientação da segunda. Apoio: CAPES; PPG-Estudos do Lazer da UFMG. Agradecimentos: D. C. Silveira; A. O. Dias; S. A. Carlos; M. Tirado.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Homes for the Aged. Aged.

## **Introdução**

Dez anos de trabalho profissional dedicado à promoção de atividade física para residentes de instituições de longa permanência para idosos (ILPIs), de cunho filantrópico, situadas na cidade de Belo Horizonte (MG), permitiram duas constatações: 1) Há pouca adesão dos residentes às atividades (físicas, educativas, recreativas, etc.), propostas por meio de projetos, programas, oficinas, etc. a estas instituições; e 2) Muitos idosos manifestam não ter interesse em participar das atividades propostas, justificando o desinteresse sem indicar alternativas.

O objetivo de muitas atividades propostas nas ILPIs diretamente intenta melhorar as condições físicas e motoras de seus participantes e, indiretamente, promover divertimento, emoções positivas, aumento da autoestima, boas interações sociais. No entanto, o desinteresse pela atividade físico-motora impede que o idoso tenha a oportunidade de ter outros aspectos de seu desenvolvimento estimulados, principalmente os aspectos socioemocionais. Já se os projetos e programas diretamente propõem atividades recreativas, educativas, culturais, etc. muito dificilmente estas são criadas com base nos interesses dos residentes das ILPIs para os quais se destinam.

Com o enfoque de analisar o cotidiano de uma instituição asilar no Distrito Federal, os pesquisadores Faleiros e Morano (2009) corroboram estas afirmações ao presenciarem uma festa organizada para os idosos na ILPI. Os residentes não pareciam se envolver com o evento demonstrando pouco interesse e apatia. Tal acontecimento sinalizou o desencontro entre a realidade cultural dos idosos, suas incapacidades e a

Ao analisar o cotidiano e as relações de poder em uma ILPI, Faleiros e Morano (2009) identificaram situações semelhantes. Presenciando a organização de uma festa programada pelo Setor de Atividade, Esporte e Lazer de uma instituição situada no Distrito Federal, os pesquisadores perceberam que o momento da festa não parecia envolver os idosos como um todo, considerando suas culturas e suas diferentes incapacidades. Na percepção destes pesquisadores a festa parecia programada para os idosos, não com eles. Esta desarticulação gerava nos residentes da instituição um desencontro entre as expectativas dos mesmos e os acontecimentos diferenciados programados pela instituição. Deste modo aquelas atividades conhecidas como não rotineiras (a festa) acabavam entrando no rol da rotina. Na percepção destes pesquisadores, a aparente apatia e a expressão dos idosos “aqui não tem nada para fazer”, mesmo diante de atividades programadas semanalmente sugerem o descompasso entre o que é realizado dentro do recinto e as atividades que os idosos faziam antes de institucionalizarem criando uma distância entre o interior o exterior.

As ofertas de práticas orientadas para a promoção do lazer nas instituições de longa permanência de caráter filantrópico, referidas no âmbito da cidade de Belo Horizonte, não tem correspondido às necessidades motivacionais de seus usuários. Até o momento, o que se pode constatar são iniciativas para estimular a prática de atividades oferecidas por órgão publico, universidades ou voluntariado. Considera-se que estas iniciativas tem procurado incentivar a população idosa institucionalizada, mas ainda necessitam de ampliação de recursos humanos e financeiros, bem como melhor capacitação profissional para aprimorar a qualidade dos serviços oferecidos. Aparentemente, as poucas ações que vem sendo desenvolvidas parecem contemplar as

necessidades de alguns idosos mais independentes, o que corresponde à pequena parcela do público institucionalizado. No entanto, por motivos de diversas ordens nem todas as ILPIs atentam para as reais necessidades, interesses pessoais e expectativas de seus residentes tornando o atendimento ainda mais precário e desestimulante.

O dia a dia do idoso residente em ILPI está muito atrelado ao planejamento e organização institucional, bem como às oportunidades que extrapolem os cuidados mínimos requisitados de alimentação, vestuário, atendimento médico, etc. Ofertar algo além disso não deveria ser extraordinário, mas sim um dever da instituição.

Na avaliação de Camarano e Kanso (2010) é pequena a oferta de práticas de lazer nas ILPIs, majoritariamente dependente de ações voluntárias, portanto, muitas vezes efêmeras. Quanto aos dados do estudo referentes a Minas Gerais, os serviços mais ofertados nas ILPIs são os de atendimento médico e fisioterapia, seguidos por terapia ocupacional, odontologia, fonoaudiologia e psicologia, ainda que menos frequentes e ligados a parcerias/convênios (governos estadual ou federal, universidades e associações religiosas). Quase 17% das ILPIs mineiras usufruem dessas parcerias/convênios. Ainda assim, no que diz respeito aos serviços oferecidos pela própria ILPI, geralmente o lazer não é considerado prioridade, mesmo que as leis vigentes o assegurem como direito (por exemplo, na Constituição Federal Brasileira e no Estatuto do Idoso).

Considerando-se que aumentará o número de idosos nas ILPIs em função das mudanças de ordem social, cultural, econômica e familiar, faz-se necessário serviços de lazer melhor planejados e executados para atender as novas demandas do crescente público (CHAIMOWICZ; GRECO, 1999; BORN; BOECHAT, 2002; CAMARANO; KANSO, 2010). As ILPIs no Brasil possuem residentes com variados níveis

educacionais, experiências profissionais, étnicas, religiosas e econômicas. O senso de comunidade é pouco estimulado em grande parte das ILPIs e pouco é feito para incentivar o desenvolvimento de relacionamentos ou interações sociais através de atividades significativas entre os próprios residentes.

Diante desse quadro, este estudo investigou a percepção dos coordenadores das ILPIs filantrópicas conveniadas com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) sobre a oferta de práticas de lazer aos residentes. Estudos dessa natureza buscam conhecer a realidade, os desafios e as perspectivas do ponto de vista institucional com relação à vivência de lazer do morador idoso.

### **Material e métodos**

Este estudo é parte inédita de pesquisa, aprovada pelo comitê de ética da universidade, sobre as práticas de lazer nas ILPIs filantrópicas conveniadas com a PBH. (protocolo nº 085/2011). Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas individuais com 15 coordenadores (13 mulheres e 2 homens). Dez coordenadores possuem curso superior, 3 completaram o ensino médio e 2 tem ensino fundamental completo. Predominam assistentes sociais, seguidos por uma distribuição equilibrada de profissões das áreas da saúde, ciências humanas e sociais.

A entrevista objetivou conhecer as práticas de lazer propostas aos residentes, os espaços de lazer nas ILPIs, as parcerias, voluntariados e estágios de ensino superior. Os coordenadores foram entrevistados na instituição, em sala apropriada com privacidade, sem interrupções ou ruídos externos, e gravada para posterior transcrição. As respostas foram analisadas com inspiração no método de análise de conteúdo de Bardin (2011),

mediante formação de categorias desde unidades temáticas semelhantes em sentido. Na união das unidades nas categorias, um mesmo participante pode ter contribuído com mais de uma unidade na mesma categoria, embora a resposta seja contabilizada uma única vez. No entanto, se o participante contribuiu com conteúdos distribuídos em categorias diferentes para a mesma pergunta da entrevista, as respostas contabilizadas por categoria podem exceder a quantidade de participantes entrevistados. Três avaliadoras treinadas realizaram a categorização.

## **Resultados**

As práticas mais citadas pelos coordenadores foram práticas corporais, trabalhos manuais e práticas religiosas. Nas práticas corporais, o Programa Vida Ativa da PBH foi o mais lembrado, é de frequência semanal e ocorre na própria instituição; no entanto, embora mencionado por 14 coordenadores, é oferecido em todas as 15 ILPIs.

Foram citados bailes (4 coordenadores), dança sênior (2), dança em geral (3), caminhadas (5) e ginástica (2); a maioria de frequência semanal e na própria ILPI. A caminhada e ginástica, quando ofertadas fora das instituições, dependem do grau de autonomia do idoso e/ou da disponibilidade de transporte. Por isso são menos frequentes e envolvem idosos mais independentes. A origem da oferta das práticas corporais abrange parcerias com ONGs, EJA, PBH, UBS e voluntários da comunidade.

Os trabalhos manuais, citados por nove coordenadores, incluem as seguintes unidades temáticas: Origami, caixinhas, tricô, crochê, colagens, dobraduras de papel, artesanato, pintura, cerâmica, e manuseio com argila. A frequência é semanal, ocorre na própria ILPI, e a origem da oferta se divide entre instituição e voluntários. As práticas

religiosas ocorrem na ILPI e são organizadas por voluntários, com exceção de um grupo de oração e um grupo de rezar o terço. Ir à missa (5 respostas), ao culto (3 respostas), rezar o terço (3) e grupo de oração (1) construíram a categoria práticas religiosas.

Foram identificadas nas falas dos coordenadores as seguintes práticas sociais, seus conteúdos e frequência de respostas: passeios (13 respostas) realizados em parques, reservas ecológicas, zoológico, shopping, circo, museus; jogo de bingo (10); atividades de integração social (12), descritas como receber visita de familiares ou amigos, receber visitas de grupos de jovens, gincana, recreação, “Rádio Recordação”, conversar/bater papo, dinâmicas de grupo, contação de histórias, e participação no Fórum do Idoso; e atividades de convívio comunitário (7), referidas como visitar outras ILPIs ou creches, participar de centros de convivência da PBH ou de ONGs. A maior parte das ILPIs recebe o apoio do voluntariado para o desenvolvimento das mesmas, especialmente os passeios e o bingo. As práticas de convívio comunitário são as que acontecem com maior regularidade (semanal) fora da ILPI.

Para incentivar a integração comunitária, os coordenadores de ILPIs julgam importante as comemorações e datas festivas populares: Natal (9 ILPIs), aniversários do mês (8), festas juninas (8), dia das mães (2 instituições) e outras datas comemorativas, cada uma mencionada uma única vez (dia da avó, dia do idoso, semana do idoso, dia do voluntariado, festa de São Francisco, e festa da primavera). Essas comemorações contam majoritariamente com o apoio do voluntariado. A comemoração que mais conta com o apoio do voluntariado é referente ao Natal (9 ILPIs), seguida das festas juninas (7). São em sua maioria comemorações anuais, com exceção dos aniversários.

As práticas de aprendizagem, estéticas e outras práticas tem uma distribuição de

origem mais equilibrada entre ILPI e voluntariado. Porém quanto mais específicas as práticas do voluntariado, como oficinas e outras práticas (p. ex., Terapia Assistida com animais), menor a quantidade de ILPIs que recebem tais serviços.

As práticas de aprendizagem citadas pelos coordenadores abrangeram oficinas (9 respostas) de canto coral, teatro, desenho, jardinagem e culinária (todas ocorrem nas dependências da ILPI, a maior parte ofertada por voluntários); e EJA (6, duas das quais ofertadas fora da ILPI). As práticas estéticas dizem respeito a assistir filmes (citado por 4 coordenadores) ou apresentações musicais (8 respostas); portanto, numa postura mais passiva, pode-se dizer, embora ativa na ação estética de aproveitamento da prática.

As outras práticas, separadas das demais categorias, foram as seguintes: bazar (3 respostas), almoço de confraternização (2, ambos uma vez ao ano), churrasco (2, ambos uma vez ao semestre), terapia assistida com cães (1), ginástica participativa (1), jogo da memória (1, mensalmente), e cuidar do jardim (1, de frequência diária).

Os coordenadores foram questionados sobre a participação dos idosos na organização das atividades. Os diferentes entendimentos demonstrados pelos entrevistados sobre o que significa essa participação são resumidos a seguir: 1) participar como *ajudar* (“arrumação do quarto, do refeitório”); 2) participar como *estar presente* nas atividades oferecidas; 3) participar como *dar sugestões ou opiniões*; 4) participar como *emitir apreciações negativas ou positivas* sobre passeios; 5) participar da organização das práticas mediante *crítica, reivindicação* de o que não obtiveram ou *auxílio direto* nos projetos; 6) participar através de *reunião* para escolher o passeio, conforme viabilidade da instituição. Além disso, esta mesma ILPI faz uma pesquisa informal sobre as preferências de lazer destes idosos em outros momentos da vida, a fim



de elaborar programações de atividades.

Sete coordenadores referiram que os residentes não participam da organização das atividades porque não tem condição física ou cognitiva para auxiliar, ou porque são poucos os que tem interesse em participar. Um dos coordenadores utiliza uma metáfora bastante interessante para se referir à praticidade em não envolver os idosos no planejamento das práticas de lazer ofertadas: “Normalmente se deixa isso pronto. É como se fosse um prato feito, né” (E3).

### **Discussão**

Considerando que ofertar práticas de lazer não envolve apenas os usuários, este estudo analisou a visão dos coordenadores sobre o lazer nas ILPI. Ademais, vivenciar experiências de lazer nas ILPIs é algo recente na realidade brasileira, haja vista que os cuidados com os idosos ainda são pautados em serviços médicos, e pouco tem evoluído para cuidar do ser humano no sentido mais amplo e preventivo.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2010) aponta a escolaridade dos administradores como indicador da qualidade de recursos humanos. Nas ILPIs mineiras estudadas, 26,7% dos gerentes possuíam curso superior. Comparando a amostra do presente estudo às demais ILPIs mineiras, quase a totalidade dos coordenadores que atuam nas ILPIs filantrópicas de Belo Horizonte possuem ensino superior. Esta maior qualificação profissional em ILPIs filantrópicas tem substituído aos poucos os serviços de coordenação feitos por voluntários, e podem ser consideradas como avanços por oferecer melhorias na qualidade dos serviços, indicando fator de proteção aos idosos.

É importante ressaltar que o fato de os coordenadores entrevistados não

mencionarem determinadas práticas de lazer não significa que elas não existam nas ILPIs. Diante disso, considera-se o seguinte: 1) em um primeiro momento, a percepção da prática de lazer geralmente conduz a uma compreensão baseada no senso comum, sem uma reflexão atenta à realidade do residente; 2) nem todas as práticas ofertadas pela instituição foram lembradas pelos coordenadores na entrevista; 3) a rede de serviços que envolve a ILPI pode não estar funcionando de forma integrada; ou 4) as práticas de lazer são menos valorizadas do que os serviços essenciais, portanto menos citadas.

Um exemplo se observou no dado obtido com 14 coordenadores que indicaram receber o Programa Vida Ativa da PBH; na verdade, as 15 ILPIs pesquisadas usufruem do programa. Trata-se de um serviço oferecido mediante convênio com a PBH, com atendimento semanal permanente. Alguns coordenadores não sabiam informar se programa é uma ação voluntária, de convênio ou de parceria com outra instituição. Todavia a Secretaria Municipal de Assistência Social da PBH informa aos coordenadores que o pré-requisito para o recebimento do serviço é a comprovação de convênio com a PBH. Esses dados ilustram a constatação de que um dos desafios dos gestores é a manutenção das redes de suporte de prestação de serviços e programas existentes. Logo, uma administração participativa não deve considerar apenas o “fazer pelo asilo”, mas o “fazer pelos asilados”, o que requer uma compreensão mais dedicada à natureza e ao funcionamento dos serviços.

Os resultados mostraram uma variedade de práticas de lazer nas instituições dos coordenadores de 15 ILPIs filantrópicas conveniadas com a PBH. Práticas sociais, corporais, religiosas e manuais foram as mais presentes nas falas dos participantes. Também ficou evidente a heterogeneidade administrativa da amostra, evidenciando que,

ainda que todas as ILPIs fossem filantrópicas e conveniadas com a PBH, diferenças calcadas na gestão da residência determinam parcerias e outros convênios que, conseqüentemente, geram maior oferta de práticas de lazer aos moradores.

A maioria dos coordenadores se referiu a alguma comemoração. Cabe lembrar que elas são muito significativas ao contexto institucional e fundamentais porque lidam com emoções, vínculos familiares desgastados, perdidos ou em fase de reconstrução.

A respeito das festas natalinas, Dumazedier (1976) entende que elas possibilitam mudanças no cotidiano das sociedades modernas por envolverem uma quantidade significativa de participantes; inicialmente de caráter familiar, tornar-se coletiva. Portanto, este entendimento de Dumazedier (1976) sugere que tais comemorações deveriam fazer parte do calendário de atividades da instituição. Além disso, quando realizada, Moraes e Salvajolli (2006) avaliam que a festa de Natal só tem a verdadeira participação dos residentes quando estes são incluídos ou no planejamento da festa, na decoração, no convite de amigos e familiares. O pouco envolvimento dos idosos na organização de festas pode contribuir para a apatia e o desinteresse dos residentes nestes eventos (FALEIROS; MORANO, 2009). Curiosamente, Oliveira; Veras; Prado (2010) descobriram, em uma pesquisa sobre a alimentação em duas ILPIs da cidade do Rio de Janeiro, pouca diferença entre os alimentos oferecidos em datas festivas, como o Natal, e a comida do dia-a-dia. Esta aparente indiferença com um aspecto importante do Natal (a ceia) remete a uma desvalorização de um evento fortemente cultural com potencial de fortalecer a identidade do asilado como pessoa e como cidadão.

A pouca presença das famílias nas festas natalinas intensifica o grau de frustração dos idosos, como mencionam os coordenadores E75 (“Eu tenho aqui setenta

idosos, se tiver dez famílias que participam é muito”) e E16 (“As famílias que participam são as mesmas”). Apesar das dificuldades, há coordenadores que buscam, juntamente com outros profissionais, motivar familiares à participação nas festas de Natal. Já as comemorações de aniversários não são cumpridas com regularidade mensal. Deixar de incluir um aniversariante ou outra mudança na rotina de festas mensais de aniversário pode contribuir para o clima de anonimato que muitas ILPIs possuem, alimentando uma forma de interação massificada e homogênea.

É necessário considerar que as comemorações de Natal e de aniversários podem estar sendo oferecidas não com o intuito de promover lazer, mas de tão somente cumprir normas da fiscalização vigente quanto ao quesito promover a socialização dos idosos. Cabe frisar, também, que o pouco envolvimento das famílias contribui para o desânimo dos profissionais da ILPI e, conseqüentemente, dos idosos, aumentando a apatia e o enfraquecimento dos vínculos de modo generalizado.

Observando-se murais de avisos, quadros ou outros cartazes afixados nas áreas sociais das ILPIs analisadas, percebe-se que alguns indicam dia e/ou mês dos aniversários. Estes quadros não são usados em todas as instituições, embora o uso deste recurso seja uma recomendação da Vigilância Sanitária de Belo Horizonte. Quanto às informações de outros eventos e programação das atividades da semana na ILPI, somente seis instituições expõem a programação em local visível. Moraes e Salvajolli (2006) explicam que uma boa divulgação aumenta a participação dos idosos. Para tanto, o material de divulgação deve levar em conta as dificuldades visuais, auditivas e cognitivas dos residentes. Estas mesmas autoras sugerem recursos de divulgação como convite verbal e individual além de cartazes, sendo que estes últimos precisam ser

confeccionados com cuidado ao tamanho, tipo de letra e cores que facilitem a leitura.

A percepção dos coordenadores entrevistados sobre as práticas de lazer na ILPI, apesar de destacarem que é muito importante para os idosos e necessário na instituição, são bastante diferenciadas. A observação *in loco* permitiu constatar uma oferta desigual destas práticas. Em duas ILPIs havia um único dia da semana disponível para a realização das entrevistas da pesquisa anterior com os residentes (MOURA, 2012), tamanho era o preenchimento do tempo dos idosos. Porém, em cinco ILPIs a disponibilidade dos idosos era frequente e raros os momentos nos quais eles desfrutavam de alguma prática de lazer ou realizavam alguma atividade. A respeito disso, enquanto alguns coordenadores demonstravam uma preocupação maior em angariar serviços para a ILPI (“A gente fica muito preocupado com o cuidado dos acamados, dos dependentes, e o que é independente fica às vezes ocioso. Por isso, essa minha preocupação de conseguir voluntários”, E16), outros demonstravam resignação (“Nós temos nossas necessidades, e a gente tem também a consciência de que elas não podem ser atendidas”, E3).

Outros coordenadores entrevistados referiram-se às práticas de lazer na ILPI como todo e qualquer tipo de serviço oferecido na residência. São dois exemplos a citação de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de terapia assistida por animais, ambas como práticas de lazer oferecidas pela instituição. Ademais, foram referidas sem mencionar se são vividas de forma prazerosa pelo idoso, dado que o prazer advindo pelo divertimento ou pelo descanso são elementos fundamentais de uma vivência de lazer (BRUHNS, 1997; DUMAZEDIER, 1976; MARCELLINO, 1996).

Os coordenadores que indicaram EJA e terapia com animais sugerem que a

experiência prazerosa com estas práticas as qualificam como práticas de lazer. A iniciativa de elaborar novos projetos, sejam eles realmente de lazer ou de saúde, atende uma das reais finalidades dessas instituições, que é proporcionar lazer. Essas novas iniciativas motivam não apenas os gestores, mas também seus residentes.

Com relação à EJA como prática de lazer na percepção do idoso, Campagna e Schwartz (2010) entendem que, a partir da vertente intelectual do lazer, este processo educacional tem a capacidade de alterar o cenário excludente inscrito pela sociedade que estigmatiza a pessoa idosa. Pensando em um tempo que não é linear e que o futuro indica possibilidades, Freire (1996) aponta que a educação possibilita o diálogo para partilhar as diversas formas de perceber o mundo e de poder construir significados positivos para a vida. Esta percepção é que instiga a analisar criticamente a realidade e modificar o que está condicionado.

Alguns coordenadores demonstraram compreender que fisioterapia não é prática de lazer. Ao perguntar para um coordenador se a ILPI possuía profissional pago para ofertar atividades de lazer, ele indicou que apenas a fisioterapia era paga. Outros coordenadores reconhecem que a fisioterapia e a terapia ocupacional tem como objetivo principal a reabilitação, mas não descartam que estas práticas incluem uma dimensão do lazer: “Nós temos a terapeuta ocupacional [...]. A função específica dela não é lazer. É claro que a atividade que ela desenvolve, muitas vezes a gente pode relacionar com o lazer” (E28); “Embora eles estejam fazendo um trabalho todo terapêutico, tem também a parte de lazer, as oficinas diárias com eles” (E60).

Por outro lado, é muito curioso perceber, na fala de um coordenador, práticas recreativas (como cantar, dançar) citadas como práticas fisioterapêuticas. É claro que,

na visão do fisioterapeuta, é possível que estas atividades estejam sendo usadas com a finalidade de reabilitação. No entanto, na visão dos residentes e dos gestores elas estão sendo compreendidas como atividades de lazer. Ao questionar a respeito de práticas de lazer em espaços abertos o coordenador assim explicou: “Lá na área da frente, ali, elas fazem com a fisioterapia a roda, dançam, cantam” (E58).

A carência de recursos financeiros, técnicos e humanos foi apontada pelos coordenadores como fatores limitantes à oferta de práticas de lazer. Alguns entrevistados sugeriram a quase impossibilidade de satisfazer a vontade dos idosos pela falta de recurso humano (voluntário ou pago) para auxiliar, p. ex., nas práticas externas de lazer, principalmente nos passeios. A fala de E61 expressa a dificuldade em priorizar o lazer no âmbito institucional, embora ele o reconheça como muito importante na vida dos idosos: “Muitas vezes queremos oferecer pros nossos idosos um lazer digno, mas a gente não tem onde tirar esse dinheiro para estar custeando, porque as necessidades são grandes” (E61). Isso evidencia o que constataram Bulla e Mediondo (2004) sobre os principais serviços oferecidos pelas instituições, nas quais a saúde é prioridade, e somente após é que visualizam as ofertas de recreação. Ora, ações educativas independentes de recursos financeiros podem estimular a participação de todos, como no exemplo de reuniões democráticas onde os envolvidos podem discutir opções. Posturas institucionais desta monta tem o potencial de promover autonomia, autoconfiança e autoestima nos participantes; e gratuitamente.

Atividades que influenciam na tomada de decisões da instituição são importantes para o idoso porque a participação constrói significados em contato com a realidade (BULLA; MEDIONDO, 2004). Estabelecer relações interpessoais, engajar-se em

atividades e participar das tarefas nas ILPIs remete também à questão da representação do trabalho na vida dos idosos. Para Iwanowicz (2000), o afastamento do mundo do trabalho rompe laços sociais e relações com o mundo material. Por isso atividades que auxiliam na reconstrução e aproximação destes valores são tão importantes.

Em determinadas entrevistas com coordenadores percebe-se o choque entre a intenção de proporcionar lazer ao residente e a pouca disposição do idoso, que gera uma crescente acomodação. Os conflitos se acentuam na medida em que a imposição predomina no lugar de um simples convite, na intenção de tirar os residentes, a qualquer custo, de uma postura de inércia. O coordenador E64 exemplifica seu esforço: “Eu tive que pegar no pé mesmo pra (nome do residente) ir pra capela”.

Para Tirado (2004) é fundamental que o idoso se mantenha ativo, mas não por imposição. Para que as vivências de lazer sejam prazerosas, há que se retirar o sentimento de obrigatoriedade. O convite atencioso e o entendimento da história de vida de cada residente são recursos auxiliares a uma participação agradável.

Apesar de tentativas bem intencionadas dos profissionais, os conflitos e desavenças na comunidade institucional precisam ser resolvidos, posto que existem e atravessam a vida do sujeito mais importante, *a priori*, para a instituição: o residente. O uso de abordagens interacionais adequadas e cuidadosas nas diversas situações e o fomento à convivência respeitosa entre os residentes são recursos imprescindíveis para a autoestima e o senso de dignidade destas pessoas (DEBERT, 1999).

A maioria dos residentes das ILPIs filantrópicas do estudo não teve a oportunidade de vivenciar lazer em suas vidas e/ou de exercer livre escolha com relação a ele. Por isso, na fase atual da vida eles não sabem o que significa *tempo de lazer*.



Logo, iniciativas para reorganizar a participação e a interação destes indivíduos devem tomar parte em um processo educativo. Marcellino (1996) menciona que ações educativas sensibilizadoras são estratégias fundamentais para a prática do lazer. Para Pinto (2004), estas ações podem ocorrer como palestras, capacitação de lideranças, campanhas educativas. E ainda, para garantir esta intencionalidade educativa, deve-se cumprir três etapas: 1) *fazer*, para possibilitar o conhecimento de diferentes manifestações culturais; 2) *refletir* sobre a própria atividade, para compreender suas finalidades; e 3) *refazer*, para estimular a formação de hábitos de lazer.

Há coordenadores que, apesar de admitirem dificuldade para motivar alguns residentes, acreditam que o envolvimento de toda a equipe de trabalho influencia na adesão às práticas de lazer, como na fala de E30: “No início, às vezes tem um desânimo, falando assim: 'Ah, eu não quero, eu não gosto', mas depois eles mesmo procuram [...] E a equipe procura estar envolvida.” Esta fala remete às três etapas descritas por Pinto (2004) para a promoção da intencionalidade educativa: promover, refletir e habituar-se à participação nas práticas de lazer.

## **Conclusões**

Os coordenadores reconhecem a necessidade do lazer nas ILPIs, mas encontram dificuldades semelhantes a ILPIs de outras cidades ou estados. As maiores dificuldades são escassez de recursos humanos e financeiros, baixa adesão dos idosos às práticas de lazer oferecidas, grande número de residentes enfermos, e baixa confiabilidade no serviço voluntariado (muito calcado na cultura de caridade e favor). A carência de recursos humanos dificulta a regularidade da oferta de práticas de lazer e gera elevado

estresse nos trabalhadores. Ademais, as ofertas de lazer de origem externa à instituição são vistas pela equipe como algo que desequilibra a rotina asilar.

As ILPIs tem apresentado progressos, como evidenciado na entrevista com os coordenadores. Mesmo diante das dificuldades, as parcerias, os estágios e os convênios oferecem serviços que diminuem o isolamento dos idosos. Foram identificadas práticas corporais, manuais, sociais, estéticas, religiosas e tantas outras. No entanto, devido à heterogeneidade dos recursos dentre as 15 instituições abordadas, não é possível obter um quadro geral mais coeso. Ainda assim, argumenta-se que, mesmo *grosso modo*, a situação da oferta de práticas de lazer nas ILPIs avançou, para o bem de seus residentes.

Coordenadores das ILPIs, professores do ensino superior que ofertam estágios, ONGs, administradores e assistentes sociais de instituições privadas e públicas podem ter acesso às práticas descritas e à realidade desafiadora vivenciada pelos coordenadores. Ideias para novas práticas, parcerias, bem como o fortalecimento de parcerias com práticas muito citadas podem emergir a partir da leitura do presente trabalho. Ressalta-se a necessidade de prosseguimento de estudos nessa mesma linha de investigação e, em especial, estudos que realizem experimentalmente a oferta de novas práticas, avaliando-as do ponto de vista da instituição e, é claro, de seu maior interessado, o idoso. Dessa forma, a produção científica pode alcançar a comunidade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70 LDA, 2011. 279 p.

BORN, T.; BOECHAT, N. S. A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: FREITAS, E. V. *et al.* (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro:

BRUHNS, H. T. (Org.). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: UNICAMP, 1997. 154 p.

BULLA, L. C.; MEDIONDO, M. Z. Velhice, dependência e vida cotidiana institucional. In: CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. (Org.). **Idoso asilado: um estudo gerontológico**. Caxias do Sul: Educs; Edipucrs, 2004. p. 87-113.

CAMARANO; A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235, jan./jun, 2010.

CAMPAGNA, J.; SCHWARTZ, G. M. O conteúdo intelectual do lazer no processo do aprender a envelhecer. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 414-424, abr./jun. 2010.

CHAIMOWICZ, F.; GRECO D. B. Dinâmica da institucionalização de idosos em Belo Horizonte, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 33, n. 5, p. 454-60, out. 1999.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: FAPESP, 1999. 253 p.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 333 p.

FALEIROS, V. P.; MORANO, T. Cotidiano e relações de poder numa instituição de longa permanência para pessoas idosas. **Texto e Contexto Enfermagem**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 319-338, jul./dez. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 148 p.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Disponível em <http://www.ipea.gov.br> . Acesso em: 13 out. 2010.

IWANOWICZ, J. B. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, H. T. (Org.). **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 101-29.

MARCELLINO, N. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996. 100p.

MORAES, E.; SALVAJOLLI, J. Recreação e lazer em uma instituição de longa permanência para idosos. In: PINTO, S. *et al.* (Org.). **O desafio multidisciplinar**: um modelo de instituição de longa permanência para idosos. São Caetano do Sul: Yendis, 2006, p. 369-379.

MOURA, Giselle Alves de. Experiências de lazer de idosos independentes institucionalizados. 191 f. (Dissertação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, R. B. A.; VERAS, R. P.; PRADO, S. D. “O fim da linha?” Etnografia da alimentação de idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, dez. 2010, p. 133-144.

PINTO, L. Experiência educativa lúdica. In: SALGADO, M.; MIRANDA, G. (Org.). **Veredas**: formação superior de professores. Belo Horizonte: SEE-MG, 2004. p. 21-52.

TIRADO, M. Lazer do idoso. 2004. Disponível em: [www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/geas](http://www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/geas) . Acesso em: 06 dez. 2011.

#### **ENDEREÇO DAS AUTORAS:**

Giselle Alves de Moura  
UFMG-EEFFTO  
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer.  
Av. Carlos Luz, 4664 - Campus UFMG – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – CEP: 31310-250  
Endereço Eletrônico: gisellemoura@gmail.com

Luciana Karine de Souza  
UFMG-EEFFTO  
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer.  
Av. Carlos Luz, 4664 - Campus UFMG – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – CEP: 31310-250  
Endereço Eletrônico: lukarides@gmail.com